

## **A Relação do Podcast com o Audiodrama no Caso do Programa “Welcome to Night Vale”<sup>1</sup>**

Gabriela SCHLOTFELDT<sup>2</sup>  
Mateus Mecca RODIGHERO<sup>3</sup>  
Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS

### **Resumo**

Com o avanço das tecnologias surgiram novas mídias, que frequentemente buscam inspiração nas mídias anteriores a elas. O podcast se configura como uma dessas novas mídias que possibilitou o resgate do formato de audiodrama, especialmente do drama de ficção. Esta pesquisa traz como objetivo compreender a relação do podcast com o audiodrama, através de um estudo de caso do programa americano de podcast “Welcome to Night Vale”, lançado em 2012, que utiliza de técnicas do storytelling e recursos da linguagem radiofônica. Para isto, foram analisados três episódios do podcast através dos conceitos e características referentes ao audiodrama, a forma de transmissão podcasting, ao storytelling e convergência que levaram a elaborar a conclusão sobre os motivos que ocasionaram está relação entre o podcast e o audiodrama.

**Palavras-chave:** podcasting; audiodrama; storytelling; convergência.

### **Introdução**

Nos Estados Unidos, a era de ouro do rádio ocorreu durante as décadas de 1930 e 1940, já no Brasil compreendeu os períodos de 1940 até 1950. Um formato que se fazia presente no rádio durante essa época eram os dramas ficcionais, que eram apresentados como programas especiais ou de longa duração, como as radionovelas. Mas, se antes a presença desse gênero era constante no rádio, com a chegada de novas tecnologias, como a televisão, vimos uma perda de espaço na mídia radiofônica para este formato.

Durante os anos 2000, tivemos mais uma revolução em questão de tecnologia. A internet começou a se popularizar, e com a sua expansão tivemos o surgimento da cibercultura. Um dos produtos que surgiu através dessa cibercultura, especialmente nos Estados Unidos, e trouxe o drama radiofônico, já quase esquecido pelo rádio, de volta

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Recém-formada em Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo, email: [gabischlotfeldt@gmail.com](mailto:gabischlotfeldt@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo. Professor do curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo, email: [mateusrodighero@upf.br](mailto:mateusrodighero@upf.br)

para a mídia, é o *podcast*. Essa mídia tem se utilizado muito do método do *storytelling*<sup>4</sup> para renovar o audiodrama, principalmente em produções de cunho ficcional. Nesta pesquisa procurou-se compreender como se deu a relação do *podcast* com o audiodrama, a partir de um dos casos desta relação. Então para objeto de estudo desta pesquisa foi escolhido o *podcast* americano “Welcome to Night Vale”, um dos muitos programas disponibilizados na internet que usam recursos do meio radiofônico e o adaptam para seu próprio desenvolvimento desta vez no ciberespaço o que acaba configurando a relação entre o *podcast* e o resgate do formato de audiodrama.

### **O drama nas ondas sonoras**

O drama radiofônico já nasce nos primeiros anos em que o rádio se impõe como um meio de comunicação, seja através de um programa unitário, em que você acompanha a jornada dos personagens de uma só vez, ou nas famosas radionovelas. Barbosa Filho (2003) coloca o drama no rádio dentro do gênero de entretenimento, que segundo o pesquisador é um dos gêneros radiofônicos onde há a maior possibilidade de explorar com profundidade a riqueza da linguagem do áudio do que os demais gêneros. “No entretenimento podemos encontrar um pouco da magia que reveste a linguagem radiofônica formada por palavras, mas também por música, efeitos sonoros, ruídos e silêncio” (BARBOSA FILHO, 2003, p. 86).

Este é um dos gêneros que está intimamente ligado à imaginação e, por isso, consegue criar um vínculo muito mais próximo do público. Essa relação com o ouvinte está unida com o inconsciente de cada um, como explica Bachelard (2005) no artigo “Rádio e Devaneio”. Para o autor, “é necessário, conseqüentemente, que rádio ache o meio de fazer com que se comuniquem os ‘inconscientes’” (BACHELARD, 2005, p. 130). Sendo assim, é justamente a sensorialidade do rádio que se faz presente, a sua capacidade de criar imagens. Como destaca Bachelard, a ausência de um rosto não é um ponto negativo para o rádio, mas sim, positivo já que consegue ir precisamente ao eixo da intimidade de cada ouvinte ao mesmo tempo em que fala com todos, sendo no gênero de entretenimento seu maior potencial de encontro com o inconsciente dos receptores.

---

<sup>4</sup> Storytelling: o ato de contar/narrar histórias.

O rádio possui tudo que é preciso para falar na solidão. Não necessita de rosto. O ouvinte encontra-se diante de um aparelho. Está numa solidão que ainda não foi constituída. O rádio vem constituí-la, ao redor de uma imagem que não é apenas para ele, que é para todos, imagem que é humana, que está em todos os psiquismos humanos. Nada de pitoresco, nenhum passatempo. Ela chega por trás dos sons, sons bem feitos” (BACHELARD, 2005, p. 132-133).

Neste sentido, Barbosa Filho (2003) utiliza como base a divisão de feita por Kaplun, e categoriza o drama radiofônico ficcional em três divisões: programas unitários, também conhecido por peça radiofônica que é um produto em si só, não sendo parte de um conjunto; programas seriados, estes são peças independentes que podem conter os mesmos personagens, mas devem ter começo, meio, fim e o ouvinte conseguir acompanhar o programa sem ter necessidade de ter ouvido o anterior. E, por fim, a radionovela que tem longa duração e é dividida em capítulos, sendo necessário ser escutada diariamente para não comprometer o entendimento da narrativa.

A pesquisadora Spritzer (2005), também faz uma classificação tipológica para o drama radiofônico ficcional. Ela mantém a classificação de Barbosa Filho com radionovelas, seriados e peças radiofônicas, mas dentro da peça radiofônica a pesquisadora amplia o leque de opções do formato e coloca mais oito categorias, são elas: esquete, contação de histórias, leitura dramatizada, radiodrama (peça radiofônica dramática com vozes de personagens reconhecíveis, diálogos, conflitos, ação dramática realista), peça radiofônica épica (que dramatiza um personagem ou uma voz), monólogo interior, poemas sonoros e criação experimental (combinando música, vozes e efeitos sonoros) (SPRITZER, 2005).

Segundo a autora espanhola Guarinos (2009), são quatro as características básicas da ficção radiofônica. É da natureza deste formato a função de entreter; ele tem caráter histórico, pois faz parte do início da história do rádio; é evolutiva, podendo ser adaptada para outros meios e sem uma fórmula tradicional, e também tem a capacidade de difusão, já que pode se estender a outros lugares da programação. Além disto, é onde temos o maior potencial de obter o rádio expressivo falado por Balsebre, que define a linguagem radiofônica como:

o conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação vem determinada pelo conjunto dos recursos técnicos/expressivos da reprodução sonora e o conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual do ouvinte (BALSEBRE, 2005, p. 329).

Para Balsebre (2005), na palavra as vogais conseguem colorir a voz, elas que trazem cor e forma para a voz, enquanto as consoantes são as que dão o significado. Além disso a cor da palavra define as relações espaciais como cita Balsebre, já que vozes mais graves tendem a passar a impressão de proximidade ou presença, e por esse contato mais íntimo com o ouvinte são sugeridas para programas que sejam passados durante a noite, e as vozes mais agudas apesar de denotarem mais clareza, não constituem tanta presença e, por isso, são recomendadas para programas diurnos. A palavra ainda contém outros elementos como: a melodia, que permite uma transição entre um instante da sequência e outro; a harmonia, que se define pela superposição ou justaposição de vozes; e o ritmo que dá ao leitor uma organização das sequências sonoras (BALSEBRE, 2005).

O segundo sistema expressivo é a música que tem duas funções estéticas no rádio: “expressiva, quando o movimento afetivo da música cria ‘clima’ emocional e ‘atmosfera’ sonora, e descritiva, quando o movimento espacial que denota a música descreve uma paisagem” (BALSEBRE, 2005, p. 333). O autor ainda define mais dois sistemas: os efeitos sonoros, que trazem as funções de ser ambiental, expressivo, narrativo e ornamental; e o silêncio, que serve tanto para delimitar os núcleos narrativos quanto para criar algum vínculo afetivo, sejam eles relacionados a ira, ao amor, a surpresa, etc.

Uma das características do drama radiofônico, segundo Spritzer (2005), é a ação sonora, que é o feito que resulta em um acontecimento sonoro, sendo realizada tanto pela fala do narrador da história quanto pela sonoplastia. Outro ponto que a pesquisadora traz, também, é o cenário sonoro que funciona como uma base para imaginação do ouvinte localizando-o no espaço fictício criado através da sonorização.

Além disto, Guarinos (2009) desta a importância de uma se ter uma narrativa dramática nestas produções. Segundo ela, uma estrutura de narrativa dramática segue este trio de elementos: a exposição, que serve como uma apresentação da história onde é dado ao ouvinte as informações básicas e pode-se conhecer os personagens, o espaço e o tempo de onde se passa a narrativa; o segundo elemento é nó, que é a parte em que as ações começam a desenvolver conflitos para haver a chegada do clímax e seguida pela resolução e geração de *plots twists* (são os pontos de virada que surgem e mudam o caminho da narrativa); e por último temos o desfecho, onde são resolvidos os últimos conflitos da história (GUARINOS, 2009).

Conforme Guarinos (2009), o termo audiodrama vem sendo adotado no sentido em que atualmente muitos formatos de ficção são emitidos pela internet, não mais pelo rádio. Este é um formato que vem sendo muito explorado por *podcasts* nos últimos anos.

### **Das ondas hertzianas à internet: o drama no podcast**

Se durante o início do rádio a presença dos radiodramas era constante, hoje é quase inexistente no meio. Os motivos que levaram ao esgotamento do drama no rádio são vários. Entre eles, conforme Udo (2013), está a constante predominância de programação musical e de noticiário que conseguiram apagar o potencial criativo que o rádio tem. Outro ponto é levantando por Álvares (2010) que coloca que a ausência desse potencial criativo tem diminuído os investimentos publicitários no rádio, já que para a produção de uma peça radiofônica é necessário tempo e recursos.

Mas se no rádio houve essa perda de espaço em relação a seu potencial criativo, se faz necessário buscar outras possibilidades em novas mídias de se fazer rádio (ÁLVARES, 2010). Essas novas mídias, em maioria, se fazem presentes graças à internet e nesse cenário de convergência o rádio passa a ter imagens em movimento, fotografias, hipertextos, link e os gêneros do meio tradicional se transformaram em novas formas radiofônicas (PRATA, 2008). No caso do drama ficcional sonoro, foi o *podcast* que abriu um novo espaço para o resgate e a renovação do formato, isso graças as possibilidades oferecidas pela convergência midiática.

De acordo com Jenkins (2015), o ato de convergir está ligado ao fluxo de conteúdos espalhados pelos diversos suportes midiáticos, sendo que para que aconteça esse fluxo é preciso uma participação ativa dos consumidores. Sendo assim, é necessário compreendermos que a convergência não é um fenômeno futuro, mas sim algo que já está intrínseco em nossa sociedade. O autor, em sua obra “Cultura da Convergência”, deixa claro que vivemos na dentro desta cultura, “onde as velhas e as novas mídias colidem, onde a mídia corporativa e a mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2015, p. 29).

Levando esse cenário em conta Ferraretto e Kischinhevsky (2010) afirmam que para pensarmos na convergência da radiodifusão temos que considerar quatro âmbitos: o tecnológico, no que diz respeito às redefinições no modo de produção, como por exemplo, a infraestrutura de produção, distribuição e recepção de conteúdos sonoros; o empresarial,

que ocorre devido aos processos capitais, como o controle dos grupos de mídia, suas alianças etc; o âmbito profissional, se referindo ao contexto profissional daqueles que trabalham no meio e que tem suas rotinas transformadas pelas novas linguagens e formatos integradas na radiofonia convergente; e o âmbito de conteúdo, que segue a produção e demanda para novos ambientes midiáticos, explorando as linguagens e formatos possibilitados pela hibridização neste cenário. Para os autores, esses novos cenários onde ocorrem a integração da rádio com as tecnologias digitais, são capazes de reconfigurar a lógica do meio e, também, impor desafios para este, já que a “digitalização tem acarretado substanciais alterações nos modos de criação, produção/edição, distribuição e consumo de formas simbólicas” (FERRARETTO, KISCHINHEVSKY, 2010, p. 178). Para os autores estas transformações são vistas, principalmente, nas modalidades de distribuição de conteúdo sonoro na internet, no caso o *podcasting*.

O *podcasting*, é uma forma de transmissão onde um formato de mídia, o *podcast*, sendo ele áudio ou vídeo, pode ser baixado pelo usuário através da tecnologia do feed RSS (*Real Simple Syndication*) e de um programa agregador de arquivos. “De uma forma bem simples, o RSS é uma maneira de um programa chamado agregador de conteúdo saber que um blog foi atualizado sem que a pessoa precise visitar o site” (LUIZ, 2014, p. 10). Segundo os pesquisadores Assis e Luiz (2010), podemos definir o *podcasting* como:

uma forma de transmitir um arquivo de áudio ou vídeo via internet para ser ouvido em um iPod ou outro aparelho que reproduza ou receba esse arquivo. E entendemos que o *podcast* é tanto o arquivo de áudio ou vídeo transmitido via *podcasting* quanto o coletivo desses arquivos (ASSIS, LUIZ, 2010, p. 2).

O processo do *podcasting* começou a tomar forma, segundo Luiz (2014), quando o programador americano Dave Winer, em 2003, desenvolveu uma forma de transmitir arquivos de áudio pelo sistema RSS, para que o jornalista Christopher Lyndon conseguisse publicar uma série de entrevistas na internet. Mas o que conheceríamos como o *podcasting* em si, seria definido somente no ano de 2004, quando Adam Curry, um ex apresentador da MTV (Music Television), a partir de um script feito pelo programador, Kevin Marks, conseguiu criar uma maneira de transferir os arquivos de áudio via RSS para o programa agregador da Apple, o iTunes, um dos agregadores mais conhecidos e com maior número de *podcasts* disponibilizados atualmente, mas que durante a época era o único meio de inserir conteúdo nos iPods, tocadores de mídia da empresa, que ainda não tinha lançado o celular Iphone.

Segundo Lemos (2005), no *podcasting* temos em voga as três leis da cibercultura: a liberação do polo de emissão, em que o ouvinte ganha a possibilidade de se tornar emissor; o princípio de conexão, já que a distribuição é feita através da indexação de sites na rede pelos feeds RSS em uma conexão planetária; e a reconfiguração dos formatos de emissão de conteúdos sonoros (LEMOS, 2005). Com o *podcasting* sendo um produto da cibercultura, Cabral Filho e Diuana (2008) denotam que este processo possibilita a disseminação de ideias como uma alternativa à lógica dos meios de comunicação de massa, onde a produção de *podcasts* pode ser feita por qualquer pessoa que tenha acesso as ferramentas básicas, como internet, microfone, software de edição, etc. Sendo assim, “o *podcasting* então se constitui numa manifestação radiofônica que ultrapassa o significado da indústria cultural já estruturada como massiva” (CABRAL FILHO, DIUANA, 2008, p.11).

Neste sentido, o *podcasting* permite uma disseminação de vozes que antes não tinham seu espaço expressão livre sem mediadores. Entre as características do *podcasting* está a sua assíncronia e atemporalidade, já que é possível acessar um programa quando o ouvinte achar melhor e, também, devido a possibilidade de ao assinar um feed RSS ser possível baixar *podcasts* antigos, o que permite que um programa na internet seja eterno enquanto dure, no caso enquanto estiver disponível online (ASSIS, 2014). Outra característica gerada por esta forma de transmissão é a mobilidade que ela confere aos ouvintes que podem escutar os programas não apenas no computador, mas também em qualquer dispositivo eletrônico que suporte os programas de podcast, além do fato que no *podcasting* é permitido uma emissão personalizada levando em conta o gosto pessoal de cada ouvinte, o que gera uma aproximação maior com o público (LEMOS, 2005).

### **O podcast “Welcome to Night Vale”**

Night Vale é uma “amistosa comunidade no meio do deserto, onde o sol é quente, a lua é linda e misteriosas luzes atravessam o céu enquanto todos fingem dormir”, pelo menos é assim que a cidadezinha Night Vale nos é apresentada no logo na primeira frase do episódio piloto de “Welcome to Night Vale”. O *podcast* surgiu em 2012, como uma iniciativa independente entre amigos, seus criadores são os americanos Joseph Fink e Jeffrey Cranor, e o programa traz as histórias e acontecimentos da cidade fictícia de Night Vale contadas a partir de notícias em um programa de rádio.



Em “Welcome to Night Vale”, nos deparamos com uma história de uma cidade onde todas as teorias da conspiração são verdade, e o público acompanha tudo isso através da narração locutor da rádio comunitária de Night Vale, o personagem Cecil Palmer, interpretado pelo ator Cecil Baldwin. Durante o *podcast*, apesar de existirem diversos personagens, apenas escutamos a voz de Cecil que é nosso guia pelas histórias de Night Vale. O programa mistura horror, comédia e ficção científica e é estruturado como se fosse um programa de rádio, seguindo a programação tradicional radiofônica.

Cada episódio é dividido em segmentos típicos das notícias locais e do rádio talk-show: com boletins de notícias, calendário comunitário, anúncios de serviços públicos, leitura de propagandas ‘ao vivo’, tráfego, tempo e também notícias de última hora, com interrupções e atualizações dos eventos (BOTTOMLEY, 2015, p. 185)<sup>5</sup>.

“Welcome to Night Vale” é um programa fictício dramatizado e um dos *podcast* mais baixados na internet, estes são um dos motivos, além do gosto pessoal, que o levaram a ser escolhido como estudo de caso para a análise desta pesquisa. Foram selecionados três episódios do *podcast* para a amostragem, todos com duração máxima de 22 minutos, que foram analisados de forma descritiva levando em conta as principais características do audiodrama (sistemas expressivos, narrativa dramática, cenário sonoro e ação sonora), do *podcasting* (distribuição, atemporalidade, mobilidade, interatividade), da convergência em relação ao conteúdo e a tecnologia, além de analisar como foi construído o *storytelling* de cada programa.

### **Pilot – 15 de junho de 2012**

O episódio “Pilot” foi o primeiro *podcast* de “Welcome to Night Vale” a ser analisado e, também, foi o primeiro a ser lançado, em 15 de junho de 2012. Neste episódio foram identificados 15 tópicos apresentados em formato de notícias, mas a principal delas é a da chegada de um novo cientista na cidade, o Carlos, que vamos conhecendo junto com o personagem de Cecil, conforme ele atualiza as informações durante o programa. Todo o *storytelling* deste episódio tem como função apresentar o que é a cidade de Night Vale e como ela funciona, assim como dar início a criação de vínculos com personagens que serão destaques no *podcast*, como o Cecil, já que ele é quem vai nos guiar durante o *podcast* no mundo de “Welcome to Night Vale”, e o Carlos que seria nossa ligação como

---

<sup>5</sup> Tradução do autor.



observadores que vieram de fora da cidade e que não estão acostumados com a estranheza dos eventos que ocorrem em Night Vale.

Em relação aos sistemas expressivos é enfático a priorização da palavra, já que o ouvinte apenas sabe o que está acontecendo em Night Vale pela narração de Cecil. Sendo a música usada para marcar as mudanças de segmentos, e em alguns momentos, de acordo com a notícia que está sendo comentada pelo locutor, a música ganha caráter expressivo “quando o movimento afetivo da música cria ‘clima’ emocional e ‘atmosfera’ sonora” (BALSEBRE, 2005, p. 333). Quanto a efeitos sonoros, além da sonorização criada pelas trilhas não há outro tipo de efeito, e o silêncio foi utilizado de forma muito breve neste episódio, apenas para indicar as mudanças de segmentos durante o programa.

Durante o episódio, até pelo fato de ele ser audiodrama com formato de um programa radiofônico jornalístico, não houve a presença de ações sonoras, mas foi possível o identificar em vários momentos o cenário sonoro, essa característica é fundamental e pode tanto aparecer através da sonoplastia ou pela fala do ator, e é ela que cria uma parceria do ouvinte com a ação e a imaginação (SPRITZER, 2005, p. 98). Neste episódio o cenário sonoro é tido através da narração de Cecil, onde por sua fala os ambientes se tornaram visíveis. Como pode ser vista na transcrição abaixo:

CECIL: OLD WOMAN JOSIE, OUT NEAR THE CAR LOT, SAYS THE ANGELS REVEALED THEMSELVES TO HER/ SAID THEY WERE TEN FEET TALL, RADIANT, AND ONE OF THEM WAS BLACK/ SAID THEY HELPED HER WITH VARIOUS HOUSEHOLD CHORES/ ONE OF THEM CHANGED A LIGHT BULB FOR HER – THE PORCH LIGHT/ SHE’S OFFERING TO SELL THE OLD LIGHT BULB, WHICH HAS BEEN TOUCHED BY AN ANGEL/ IT WAS THE BLACK ANGEL, IF THAT SWEETENS THE POT FOR ANYONE. IF YOU’RE INTERESTED, CONTACT OLD WOMAN JOSIE. SHE’S OUT NEAR THE CAR LOT//<sup>6</sup>

O episódio também segue uma estrutura dramática narrativa com exposição, nó e desfecho. Neste episódio a exposição se dá logo nos primeiros minutos do *podcast* onde conhecemos onde se passa a história e temos uma percepção do tipo de programa radiofônico que é “Welcome to Night Vale”. Assim, como Guarinos especificou este elemento, visto que a exposição “serve como uma apresentação da história onde é dado ao ouvinte as informações básicas e pode-se conhecer os personagens, o espaço e o tempo

---

<sup>6</sup> Tradução do autor: A Velha Josie, que mora perto da Concessionária, diz que anjos se revelaram para ela. Disse que eles tinham 3 metros de altura e eram radiantes, e um deles era negro. Também disse que a ajudaram com diversas tarefas de casa. Um deles trocou uma lâmpada para ela — a lâmpada da varanda. Ela está vendendo a lâmpada velha, que foi tocada por um anjo. Foi o anjo negro, caso isso torne o negócio mais atraente para alguém. Em caso de interesse, contate a Velha Josie. Ela mora perto da Concessionária.

de onde se passa a narrativa” (2009, p.120). O nó da narrativa acontece com o anúncio da chegada de Carlos e o que isto implica na cidade, já o desfecho é tido quando o personagem do cientista visita a estação de rádio, isso tudo narrado por Cecil.

Em relação ao *podcasting*, o episódio foi disponibilizado para programas agregadores em 2012, sendo possível acessá-lo em qualquer um destes softwares, o que demonstra a sua assincronia e atemporalidade. Além disto, o episódio gera muita mobilidade, visto que não ocupa muito espaço sendo possível o colocar em diversos dispositivos de áudio. Ele ainda traz a questão da interatividade, isto porque no site do programa<sup>7</sup> o ouvinte pode ter acesso ao e-mail da produção, e também em sites como o Youtube, Soundcloud, onde o *podcast* também é disponibilizado, existem caixas de comentários. A convergência se dá, justamente, nesta questão da distribuição porque o episódio é disponível na rede tanto pelo método do *podcasting* quanto por *streaming*, e na convergência de conteúdo fica bastante claro o uso da linguagem radiofônica, inclusive a característica de o programa passar a impressão de ser ao vivo, com constantes atualizações das notícias que foram dadas em segmentos anteriores. Reforçando o que Ferraretto e Kischinhevsky (2010) ressaltam sobre no *podcast* ser possível explorar os formatos e linguagens disseminados pela hibridização das mídias. Entre os segmentos que o podcast atualizou para sua própria narrativa está a seção do tempo, que no programa não apresenta a situação climática da cidade, mas sim reproduz uma música inteira, a deste episódio foi “These and More Than These”, do Joseph Fink.

### **Station Management – 15 de julho de 2012**

O episódio “Station Management” foi o terceiro da primeira temporada do programa, e assim como em “Pilot”, ele segue a mesma estrutura de montagem e narração. Em “Station Management” temos 11 tópicos noticiados, sendo que a administração da estação de rádio foi o tópico principal que guiou o *storytelling* do episódio. Sendo assim, a estrutura dramática da narrativa acontece com a exposição onde é comentado sobre temporada de negócios com a administração do local, e o nó e desfecho seguem conforme vão sendo desenvolvidos os acontecimentos que está notícia gera.

O programa, assim como o primeiro, prioriza o uso do sistema expressivo da palavra e, também, da música, está sendo utilizada muitas vezes neste episódio não para denotar a função expressiva, mas sim a descritiva “quando o movimento espacial que

---

<sup>7</sup> <http://www.welcometonightvale.com>

denota a música descreve uma paisagem” (BASELBRE, 2005, p. 333). Um dos pontos que o diferencia do primeiro episódio analisado é que neste temos a presença, mesmo que breve, de efeitos sonoros, e conseqüentemente da ação sonora, já que os acontecimentos em sua maioria se desenrolam dentro da estação de rádio. O cenário sonoro continua como um dos elementos fundamentais e acontece tanto pela narração de Cecil como pelos sons que ouvimos em determinados momentos.

A questão do *podcasting* se dá igualmente como no primeiro episódio, já que tanto a distribuição, mobilidade, atemporalidade e interatividade são postas de forma igual. O que, também, caracteriza a sua convergência tecnológica, especialmente em razão das leis estabelecidas por Lemos, então temos o princípio da conexão, já que o *podcast* está sempre disponível para distribuição pelo feed RSS em conexão planetária, e na reconfiguração dos formatos de emissão de conteúdos sonoros seguindo o polo “faça você mesmo” a sua rádio (LEMOS, 2005). Quanto a convergência de conteúdo, vemos ela no sentido que o programa continua com uma estrutura dos programas de rádio, mas adota suas próprias características. Um ponto que chama atenção é que para termos uma aproximação com o personagem principal, Cecil entre uma notícia e outra deixa nós o conhecermos pelos seus comentários pessoais sobre cada uma delas, o que quebra um pouco do formato jornalístico adotado pelo programa.

### **The Shape of Grove Park – 15 de agosto de 2012**

No último episódio da análise o *storytelling* é guiado pela notícia sobre a realocação da forma do Grove Park, que dá nome ao episódio, então durante o programa temos constantes atualizações dos acontecimentos gerados devido à essa notícia. Então, a estrutura dramática narrativa se dá com a exposição logo no início quando é falado sobre a forma, o nó quando há a realocação, dita na primeira notícia, da forma de Grove Park, e o desfecho é próximo ao final do programa onde temos uma nova realocação do objeto. É interessante notar que em cada novo podcast Cecil começa a ficar mais presente e próximo para o ouvinte, isto ocorre principalmente pela voz do personagem, que é uma voz grave, ou seja através da palavra, um dos sistemas expressivos de Balsebre, outro fato interessante é que o programa se passa durante a noite, o que condiz com o fato de Balsebre citar que vozes mais graves se encaixam melhor em programas noturnos. Neste episódio, a música aparece para enfatizar certas notícias, mas não temos, como em

“Station Management”, o uso de efeitos sonoros. Ainda há presença do silêncio, feito apenas par informar a troca de segmentos do programa.

Como não há efeitos sonoros, também não temos ações sonoras, apesar de ser possível coloca-la durante a narrativa, já que em diversos momentos o roteiro possibilita momentos assim, foi escolhido não a utilizar. Mas, se este elemento não é trabalhado no episódio, o cenário sonoro foi bastante utilizado, especialmente pela narração de Cecil que em diversos momentos nos ambienta sobre como é Night Vale e o que está acontecendo dentro do seu local de trabalho, a rádio.

O *podcasting* está presente da mesma forma que os programas anteriores, com distribuição em diversas plataformas e programas agregadores de conteúdo. Assim como a convergência tecnológica acontece, justamente, por esta distribuição e em questão de conteúdo o episódio traz a mesma linguagem radiofônica adaptada para o podcast, com notícias, atualizações, seção do tempo, inserções publicitárias, mas que servem para causar a imersão do ouvinte no mundo de “Welcome to Night Vale”.

## **Discussão dos Resultados**

A partir da análise foi possível perceber durante os episódios diversas vezes o uso das características ligadas ao audiodrama. Os três programas contemplam aspectos muito marcantes da linguagem radiofônica, tais como a palavra/voz, que se apresenta em todos os três episódios como a principal forma de conexão dos ouvintes com o protagonista do *podcast*, o personagem de Cecil, assim como a música. Apesar do silêncio e dos efeitos sonoros serem pouco utilizados eles ainda estão lá. Em “Welcome to Night Vale” sempre é utilizado um assunto principal que vai guiar o *storytelling*, assim como os conflitos que serão gerados durante o episódio. Então, cada *podcast* apresenta de forma clara onde temos a exposição, o nó e o desfecho, este último pode ser aberto ou não dependendo da evolução da história, que configuram a estrutura dramática destacada por Guarinos (2009). Além disto, o programa se utiliza muito da questão proposta por Spritzer (2005) ao falar sobre cenário sonoro.

Então o programa é um *podcast* onde fica claro os benefícios que a convergência possibilitou. Foi constatada a utilização da linguagem radiofônica como fonte principal para a produção do *podcast*, mas ela ganha um caráter diferente daquele apresentado no rádio, tendo suas narrativas mais voltadas para um público especificamente do que para uma grande massa, ou tendo em vista o lucro pela publicidade. Uma questão relevante

quanto ao *podcast* é o seu gancho narrativo que demonstra o fator da personalização de conteúdo na internet como relata Lemos (2005), já que a linha narrativa do programa não é um estilo visto em programas de rádio, é algo com mais relação ao gosto de um pequeno grupo do que de uma grande massa, então condiz com o que Lemos diz o *podcasting* permitir uma emissão personalizada levando em conta o gosto pessoal de cada ouvinte. E fica claro que no âmbito tecnológico, esse formato de distribuição na internet é o que mais beneficiou o programa de “Welcome to Night Vale”, devido ao baixo custo da produção e das possibilidades de público encontradas.

### **Considerações Finais**

Na busca por compreender como se deu esta relação do *podcast* com o audiodrama, pode-se perceber que a tecnologia permitiu a abertura da convergência, e neste cenário antigas mídias conseguiram encontrar espaço no mundo virtual. E, talvez, o fator principal dessas convergências seja o fato de que a internet deu a possibilidade de qualquer um renovar as mídias já conhecidas, já que possibilita uma produção com recursos mais em conta do que os de antigamente. Neste ponto, o *podcast* se configura como uma dessas novas mídias criadas no ciberespaço e que abriram novas possibilidades de produção de conteúdo. Se nas rádios não há a presença do audiodrama, no *podcast* é onde encontramos este formato desaparecido dos meios radiofônicos. Através da transmissão pelo *podcasting*, o audiodrama ganhou uma nova cara, com uma adaptação do que era produzido nos tempos de rádio para o ambiente *online*.

Fica perceptível através do estudo de caso do programa “Welcome to Night Vale”, que o *podcast* se utiliza muito das características dadas ao drama radiofônico. Em diversos momentos, temos a presença de elementos que são adotados para definir a ficção dramatizada no rádio, mas são adaptados para o meio *online*, tanto a questão de conteúdo quanto a forma como são distribuídos e acessados os programas. É válido lembrar que os dramas no rádio, principalmente no Brasil, tinham uma carga muito voltada para a publicidade, enquanto os audiodramas divulgados na internet hoje buscam muito mais contar uma história do que usar um produto como proposta para vender algo.

Sendo assim, através desta pesquisa podemos observar o estabelecimento dessa relação entre *podcast* e audiodrama se configurou assim devido aos fatores que levaram o formato do audiodrama perder seu espaço no rádio, seja pela chegada de novas tecnologia ou a perda de investimento, e pela demanda do público de contar histórias

diferentes daquelas que a mídia reproduzia. Então, essa necessidade somada a oportunidade que a internet ofereceu, com a possibilidade de novas vozes participando da produção e de seu baixo custo se comparado a rádio tradicional, transformou o *podcast* como uma nova mídia em que histórias ficcionais dramatizadas podem renascer.

## Referências

ÁLVARES, Luiz Carlos Novo. **O rádio na sociedade da imagem**: será o fim o da magia? Revista Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 20, n. ¾, p. 243-253, 2010.

ASSIS, Pablo de. O feed e fidelização do podovinte. In: LUIZ, Lucio (Org.). Reflexões sobre o podcast. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2014, p. 29-47.

ASSIS, Pablo; LUIZ, Lucio. **O podcast no brasil e no mundo**: um caminho para a distribuição de mídias digitais. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0302-1.pdf> Acesso em: 17 abr. 2017.

BACHELARD, Gaston. Devaneio e rádio. In: MEDITSCH, E. (Org.). **Teorias do rádio**: textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005, p. 129-133.

BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, E. (Org.). **Teorias do rádio**: textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005, p. 327-336.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BOTTOMLEY, Andrew J. Podcasting, welcome to night vale, and the revival of radio drama. Revista Journal of Radio & Audio Media, v. 22, n. 2, p. 179-189.

CABRAL FILHO, Adilson Vaz; DIUANA, Andreza Lobato. O podcasting e a produção de áudio no ciberespaço. In: XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2008, São Paulo. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/resumos/R9-0232-1.pdf> Acesso em: 04 abr. 2017.

FERRARETTO, L. A.; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e convergência**: uma abordagem pela economia política da comunicação. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 173-180, 2010.

GUARINOS, V. Manual de narrativa radiofônica. Madrid: Síntesis, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**: a colisão entre os velhos e novos meios de Comunicação. São Paulo: Aleph, 2015.

LE MOS, Andre. O fenômeno mundial dos podcasts. In: Revista Digestivo Cultural, 2005. Disponível em: [http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=118&titulo=O\\_fenomeno\\_mundial\\_dos\\_podcasts](http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=118&titulo=O_fenomeno_mundial_dos_podcasts) Acesso em: 21 abr. 2017.

LUIZ, Lucio (Org.). Reflexões sobre o podcast. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2014.

PRATA, Nair. **Webrádio**: novos gêneros, novas formas de interação. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008, Natal. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0415-3.pdf> Acesso em: 16 mai. 2017.

SPRITZER, Mirna. **O corpo tornado voz: a experiência pedagógica da peça radiofônica**. 2005. Tese (Doutoramento em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

UDO, Guilherme. **Radiodramaturgia em diferentes gêneros de produção: Por um novo senso de audição**. In: Interprogramas de mestrados da Faculdade Cásper Líbero, 9, 2013, São Paulo. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Guilherme-Udo.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2016.